

O Monte Everest em “No rarefeito” – Uma Análise na Perspectiva Dialógica¹

Deivid VIEIRA²

Isabelle RODRIGUES³

Liam CAVALCANTE⁴

Marcos Felipe RODRIGUES⁵

Taíssa Maria TAVARES⁶

Kethleen Guerreiro REBÊLO⁷

Universidade Federal do Amazonas/ICSEZ, Parintins, AM

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de uma análise discursiva do livro-reportagem "No Ar Rarefeito", do escritor Jon Krakauer, a partir da perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin utilizada como metodologia de análise do discurso. O objetivo deste artigo é indicar como o topo mais alto do mundo é descrito e percebido por quem o escala.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Everest; Livro-reportagem.

Introdução

O monte Everest é a montanha de maior altitude da terra, a qual atrai alpinistas e curiosos de todo o mundo para escalada até o topo, entretanto, é também caracterizado como um local perigoso de condições não favoráveis à sobrevivência humana, pois abriga em sua grandiosidade um dos maiores empecilhos para a resistência humana, o ar rarefeito – um gás pouco denso que é encontrado em grandes altitudes.

Em “No ar rarefeito”, o autor Jon Krakauer narra com detalhes a história da maior tragédia em expedição ao Everest: o maior número de mortes em um ano, e entre as vítimas estavam dois alpinistas experientes e líderes da expedição. Além de revelar minudências da tragédia testemunhada, o autor evidencia as características do monte e as condições físicas e psicológicas enfrentadas pelos alpinistas. À vista disso, a escolha da obra se deu em função do produto ser

¹Trabalho apresentado no GP Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: deividvieira81@gmail.com

³Estudante de Graduação do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: isacaroline578@gmail.com

⁴Estudante de Graduação do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: liamcavalcante10@gmail.com

⁵Estudante de Graduação do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: felipe.bae_4@hotmail.com

⁶Estudante de Graduação do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: tayssa.mary15@gmail.com

⁷Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: kethleengrebello@gmail.com

baseado em fatos reais, onde o narrador é também o principal protagonista pois ele compartilha sua experiência, diferente de outros livros-reportagem nos quais os narradores contam histórias das quais não se inserem como participantes.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo geral atribuir resposta à questão: Como o monte Everest é caracterizado no livro-reportagem “No ar rarefeito”, de Jon Krakauer? Isto posto, analisando as posições discursivas assumidas pelo autor no livro e também as outras vozes discursivas que estruturam essa interpretação, buscou-se respostas aos objetivos específicos – como é caracterizado o monte Everest em seu aspecto físico; as consequências psicológicas causadas pelo ar rarefeito e, ainda, entender a ambição e o encanto que uma expedição ao Everest gera – a fim de se obter compreensão abrangente sobre o assunto.

Assim, este trabalho caracteriza-se como relevante por contribuir no campo da análise do discurso, sobretudo, no que tange ao método de utilização da perspectiva dialógica bakhtiniana, uma vez que busca indicar as formas de caracterização do monte Everest, ou seja, como o topo mais alto do mundo é descrito e percebido por quem o escala.

O livro-reportagem como gênero do discurso

Segundo Bakhtin (2011) todas as esferas da atividade humana estão interligadas ao uso da língua, e, conseqüentemente, seu emprego é realizado na forma de enunciados, sejam estes orais ou escritos, que por sua vez são reflexos da intencionalidade de quem os produz, sendo evidenciados pelo conteúdo temático (o tipo de informação que se deseja repassar), estilo da linguagem (o próprio estilo da linguagem utilizada que vai além da classificação formal/informal; alguns gêneros exigem adjetivações, vocabulário específico, entre outros) e construção composicional (a forma/estrutura padrão de um texto).

Para o autor “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Idem, 2011, p. 262). Isto posto, compreendemos que qualquer esfera de utilização da língua elabora determinados enunciados, por conseguinte, esses enunciados possuem uma certa estabilidade que permite a comunicação, entretanto, essa estabilidade é relativa, pois uma vez que a esfera da atividade humana se desenvolve, as formas de texto (enunciado) se transformam para atender às necessidades de comunicação desse grupo. Assim, entende-se que a sociedade se

comunica por meio de gêneros do discurso, os quais são modificados ao longo do tempo em virtude da intencionalidade comunicacional particular do indivíduo.

Catalão (2010) interpreta a língua como uma estrutura de relações dialógicas, e afirma que em diálogo organizam-se os seus termos, assim como as relações entre eles e os sentidos que o homem produza por meio dela. De tal modo, em diálogo ocorre o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado e gera a centelha da expressão (BAKHTIN, 2003 apud CATALÃO 2010). Assim, compreendemos que é por meio do diálogo que se constituem os enunciados, os quais Eliziário e Catalão Jr (2011, p. 2) definem como “a materialização de uma enunciação, por meio do qual o sujeito insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva”.

Em conformidade com Bakhtin, Catalão (2010, p. 16) diz “se não é um Adão bíblico, o pesquisador nunca inventa totalmente, a partir ‘do nada’, os elementos de sua pesquisa”. O autor afirma que tanto o objeto de estudo quanto os conceitos teóricos utilizados e também a metodologia, “constitui-se sempre como resposta a enunciados anteriores, dos quais a origem absoluta nunca está em si – mesmo quando essa perspectiva é ‘criação sua’” (Idem, 2010, p. 16). Assim, compreendemos que os enunciados são, então, réplicas, pois segundo Pinto (2002, p. 31) “todo texto se constrói por um debate com outros – o que foi denominado de dialogismo por Mikhail Bakhtin”. Por conseguinte, em conformidade com o pensamento bakhtiniano, o dialogismo caracteriza-se como princípio fundamental da linguagem.

Catalão (2010, p. 50) considera o livro-reportagem como um gênero do discurso, uma vez que esse produto é resultado de um processo discursivo, de uma escolha proposital devido as informações que se deseja repassar, ou seja, conforme a intencionalidade do autor, caracterizando-se sempre como um rebate pessoal a outros enunciados.

Se reportar, segundo Jorge (2008), significa narrar fatos, então a reportagem relata um acontecimento, que por sua vez, deve ser de interesse coletivo e a partir disso o repórter deve aprofundar-se em informações; ir além, evidenciando entendimento completo ao leitor/telespectador; trazendo informações adicionais. Do mesmo modo, para Lage (2001, p. 49) reportagem “é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente”. Outrossim, segundo Rocha e Xavier (2013, p. 144) considera-se um livro-reportagem “quando uma obra trata de acontecimentos ou de

fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias”, logo, o livro-reportagem carrega os mesmos princípios seguidos pela reportagem, entretanto, com uma carga literária.

Além disso, uma das grandes vantagens do livro reportagem é a possibilidade de o autor ampliar suas pesquisas, inserir maior número de informações, relatos e diálogos, detalhes, ou seja, permite apuração extrema ao mesmo tempo em que o toque literário torna a leitura prazerosa, uma vez que, segundo Rocha e Xavier (2013, p. 155) o suporte livro-reportagem “exige um número suficiente de informações, dados, fontes, depoimentos para que contemple o conteúdo e o volume de um livro sem desfigurar sua relação com a realidade, sem migrar para a ‘invenção’, ou mesmo ficção”.

À vista disso, entendemos que um enunciado é constituído sempre em debate com outros textos, dando origem ao dialogismo. Assim, as posições discursivas dos enunciadores estão presentes no texto sendo possível identificá-las por meio de análise, tal como realizado neste artigo com o livro-reportagem “No ar rarefeito”.

Metodologia

Para realização deste estudo utilizamos a perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin como método de análise do discurso. Assim, o livro “No ar rarefeito” de Jon Krakauer, objeto da pesquisa, foi tido como enunciado uma vez que se buscou identificar, interpretar e discorrer sobre as posições que o autor assume no que se refere ao monte Everest, além dos discursos de outras fontes que foram essenciais no processo de apuração.

A perspectiva dialógica de Bakhtin tenciona a existência do debate entre textos, do diálogo, da comunicação entre enunciados, uma vez que, segundo o teórico, os enunciados são sempre respostas a outros enunciados, ou seja, eles dialogam com outros textos que são concernentes ao âmbito de um mesmo estudo, assim, afirma: “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo [...]” (Idem, 2011, p. 272). Logo, entendemos que uma obra não pertence inteiramente a um determinado autor, por mais que este a tenha escrito, pois a discussão primária não lhe pertence, entretanto, ele contribui no campo da discussão acrescentando novos estudos, teorias, ou seja, respostas a enunciados.

Dessa forma, o livro-reportagem, tido como um gênero do discurso, descreve um objeto a partir das relações dialógicas construídas no processo da prática jornalística. Isto posto, entendemos que todas as concepções presentes no produto são imprescindíveis para sua concretização, tanto por sua forma de produção – uma vez que é por meio de depoimentos/discursos que o livro-reportagem é composto em grande parte –, quanto por seu consumo, pois os leitores compreendem e recebem as informações de forma mais abrangente.

Nesse sentido, a princípio buscou-se identificar as passagens referentes à caracterização do monte, as fontes presentes, ou seja, as relações dialógicas situadas por Krakauer. Posteriormente, atentamos em analisar de que forma esses discursos foram inseridos no texto, se de forma direta ou indireta.

A partir disso, a análise se voltou ao posicionamento dos discursos no que se refere à caracterização física do monte Everest; à caracterização dos problemas psicológicos causados pelo ar rarefeito na expedição, além dos motivos que levam uma pessoa a possuir ambição e fascínio pela escalada ao monte. Desse modo, obtivemos uma dimensão geral da caracterização do monte Everest feita pelo autor e demais fontes, que culminou nos resultados dessa análise.

Resultados e discussões

A caracterização física do monte Everest

Na caracterização quanto à natureza física do monte Everest, no livro “No ar rarefeito” de Jon Krakauer, o autor enfatiza o Everest como um ambiente arriscado, repleto de empecilhos naturais, os quais podem gerar graves consequências para quem o ousar escalar. No entanto, esses obstáculos serviram como motivação aos montanhistas para alcançar o topo. Sobretudo na primeira parte do livro, a questão dos “aspectos naturais” é focalizada para situar o leitor sobre como e quais condições se realizaram a expedição no local.

Além das características da montanha propriamente dita, outro detalhe natural crucial é a falta do oxigênio em ambientes de grande altitude, fator capaz de afetar profundamente o discernimento da consciência humana e alterar noções da própria lembrança, ponto que dificultou a “busca pela verdade” tão almejada por Krakauer ao questionar os alpinistas.

O segundo capítulo do livro relata de forma breve parte da história do descobrimento do Everest, além de algumas expedições e nomes importantes. Ao narrar a primeira expedição bem-

sucedida, Krakauer menciona as concepções dos alpinistas que descreveram uma parte do monte.

O fragmento a seguir revela:

Por volta das 9h00 estavam no cume sul, diante da estonteante crista estreita que leva ao pico propriamente dito. Uma hora depois estavam ao pé do que Hillary descreveu como "o problema mais espinhoso da crista - um escalão de rocha de uns 12 metros de altura. [...] A rocha em si, lisa e quase sem pontos de apoio, poderia ter sido um interessante desafio domingueiro para um grupo de alpinistas experientes na região inglesa de Lake District, porém ali era uma barreira cuja superação ia muito além de nossas frágeis forças".

Constata-se que durante o período de expedição no Everest, Krakauer detalha os traços físicos do lugar como de um local inóspito, repleto de armadilhas moldadas pela ação natural de milhares de anos, as quais ameaçam qualquer homem que decida escalá-lo. O autor, no início do livro, descreve o monte segundo a visão de montanistas experientes e pessoas com estudos voltados à área da geologia: “Entre alpinistas e outras pessoas conhecedoras de formas geológicas, o Everest não é tido como um pico muito bonito. Suas formas são parrudas, muito esparramadas, entalhadas de modo rude” (p.26). Mesmo com essas características não tão empolgantes, do ponto de vista da estética natural, o Everest, segundo eles, encanta por sua grandiosidade: “Contudo, o que falta em graça arquitetônica o Everest compensa com sua massa esmagadora” (p.26).

Ao especificar os capítulos, o autor utiliza logo abaixo fragmentos relacionados ao Everest ou a expedições que foram escritos por participantes de escaladas, alpinistas, montanistas e outros. Neste fragmento nos são repassadas por George Leigh Mallory – em carta à sua mulher em 1921 – descrições das cristas: “Basta dizer que [o Everest] tem as cristas mais alcantiladas e os precipícios mais tenebrosos que já vi na vida e que toda aquela conversa sobre uma encosta de neve fácil é puro mito. [...]” (p. 80).

Em síntese, levando em consideração os aspectos físico-naturais do monte Everest detalhados na obra, compreendemos tratar-se de um ambiente nada bucólico, o qual certamente cobra um alto grau de determinação, uma boa dosagem de discrição, uma noção satisfatória de alpinismo e uma branda sanidade física e psicológica daqueles que almejam chegar ao ponto mais alto do planeta Terra.

Ademais, com os discursos elencados, percebemos que além das concepções do autor sobre a montanha no que se refere a sua forma e condições físicas, outros discursos foram inseridos na

obra de forma direta e indireta para complementar a descrição e contribuir no entendimento do leitor acerca do monte mais alto do planeta, como constatações de alpinistas, participantes de expedições e geólogos, ou seja, vozes discursivas que complementaram as percepções do autor Krakauer.

A expedição: consequências psicológicas do ar rarefeito

Na perspectiva de Krakauer, a escalada permitiu conhecer além do pico mais alto do planeta, ou seja, constituiu vivenciar um dos maiores dramas de sua história, o que o ajudou a ter uma visão diferente sobre a atividade de escalada e o monte Everest. Os relatos revelam desconforto, agonia e drama, principalmente no que se refere ao gás pouco denso presente no Everest, o ar rarefeito.

Na expedição até o monte, em relatos do livro-reportagem, Krakauer evidencia desde o início o desconforto causado pela baixa concentração de gases. Problemas psicológicos como a não precisão de informações, atordoamentos e alucinações são descritos como consequências da exposição ao ar rarefeito.

Já na introdução, ao situar o leitor acerca do cenário real e participantes da expedição, além de algumas circunstâncias vividas, o autor revela um dos problemas enfrentados, a não precisão de informações, uma vez que a falta de oxigênio implica o prejuízo do discernimento da consciência humana e altera noções básicas do funcionamento mental como a memória. Descrito como quase um obstáculo em sua apuração jornalística, Krakauer discorre sobre o empecilho e as tentativas de solucioná-lo. O fragmento a seguir revela a dificuldade na imprescindível apuração de depoimentos:

[...] a seqüência de eventos fora de uma complexidade frustrante e as lembranças dos sobreviventes estavam muito distorcidas pela exaustão, falta de oxigênio e choque. Em certo ponto de minha pesquisa, pedi a três outras pessoas para contarem um incidente que nós quatro testemunhamos, na alta montanha, mas ninguém foi capaz de concordar quanto a fatos cruciais, como a hora, o que fora dito e nem mesmo quanto a quem estava presente (p. 9).

Nas descrições do momento mais dramático da excursão, seu retorno do topo do cume, o autor revela em detalhes as sensações que o ar rarefeito causa em um ser humano, exemplificando

com seu colega de escalada, Andy. O recorte seguinte configura o relato da confusão de pensamentos e a sensação de decadência do corpo:

[...] pedi a Andy que me fizesse um favor em troca, desligando meu regulador para economizar oxigênio até que o escalão ficasse desimpedido. Entretanto ele se enganou, abriu a válvula em vez de fechá-la, e dez minutos depois meu oxigênio acabara. Minhas funções cognitivas, que já estavam bastante prejudicadas, começaram a declinar muito depressa. Sentia-me como se tivesse tomado uma overdose de algum sedativo poderoso (p. 190).

O trecho revela dois problemas psicológicos. O primeiro refere-se ao fato de Andy ter se confundido ao abrir a válvula de oxigênio, pois, com atenção limitada decorrente da falta de oxigênio, é comum que haja esse tipo de confusão nos pensamentos e, conseqüentemente, nas ações. O segundo problema psicológico ocorre com Krakauer, uma vez que tem disperso seu pouco de oxigênio artificial, o autor tem a sensação imediata de estar sendo sedado, sem capacidade de exercer controle hábil sobre suas coordenações.

Outro aspecto emblemático descrito na obra são as alucinações. O autor cita algumas fantasias mentais que outros alpinistas relataram em expedições anteriores e menciona em seguida sua experiência com a perturbação psicológica, repassando um misto de sensações que envolvem agonia, encantamento e mistério, pois é profundamente insano pensar que, em estado de ação, um indivíduo possa ver coisas que não são reais. O fragmento a seguir evidencia detalhes do relato:

A literatura sobre o Everest é cheia de relatos de experiências alucinatórias, atribuíveis à hipoxia e à fadiga. Em 1933, o famoso alpinista inglês Frank Smythe observou "dois objetos curiosos flutuando no céu" diretamente acima dele, aos 8230 metros: "[Um] possuía o que pareciam ser asas atrofiadas, não desenvolvidas, e o outro uma protuberância que sugeria um bico. Eles ficaram parados, imóveis, mas pareciam vibrar lentamente". Em 1980, durante sua escalada solo, Reinhold Messner imaginou que havia um companheiro invisível escalando a seu lado. Aos poucos me dei conta de que minha mente também estava atordoada e observei, com um misto de fascínio e horror, a mim mesmo escorregando para fora da realidade (p.88).

Outrossim, o autor relata também outro momento de confusão mental e alucinação vivido em conjunto com um colega de escalada, evidenciando a problemática causada na mente humana como fator torturante e aflitivo. O trecho a seguir revela o momento:

Por várias vezes Hall anunciou que estava se preparando para descer e num determinado momento estávamos certos de que ele finalmente saíra do cume sul. No acampamento 4, Lhakpa Chhiri e eu tremíamos do lado de fora das barracas, espiando um minúsculo ponto

se deslocando vagarosamente, descendo a parte superior da crista sudeste. Convencidos de que se tratava de Rob, voltando afinal, Lhakpa e eu batemos nas costas um do outro e o aplaudimos. Porém, uma hora mais tarde, meu otimismo de repente se extinguiu quando reparei que o pontinho continuava no mesmo lugar: na verdade não passava de uma rocha — mais uma alucinação induzida pela altitude. Na verdade, Rob não chegara sequer a sair do cume sul (p. 103-104).

Em suma, constata-se que Krakauer descreve como aflitiva, tormentosa e dramática a exposição ao ar rarefeito, uma vez que relata, com tom realista, as sensações estranhas no funcionamento da percepção e ordenação de pensamentos dos alpinistas envolvidos. Além disso, não há indícios no texto de momentos tranquilos ou favoráveis quanto à exposição ao ar no topo do cume ou em seu trajeto. O que se destaca nos relatos é sempre a concepção de condições respiratórias e, conseqüentemente cerebrais, degradantes.

Para mais, constata-se que devido as influências do ar rarefeito na memória, foram necessárias consultas imprescindíveis aos participantes da excursão para confirmação e também apuração de outros acontecimentos, sendo narradas junto de outras implicações, como as alucinações, que posteriormente foram introduzidas na obra de forma direta, indireta e embutidas na narrativa do autor visando contribuir na formação de conhecimento do leitor.

A ambição e o encanto que uma expedição ao monte Everest gera

Krakauer relata em sua obra os motivos que levam um indivíduo a possuir o sentimento de ambição, encantamento e também desejo de escalada ao topo do Everest, revelando em uma das passagens considerações próprias. Fatores como a busca por adrenalina, por satisfação de curiosidades e a ousadia em condições ditas impossíveis de vida são levantados como causas relevantes.

Discorrendo sobre a historicidade do descobrimento do monte Everest e a repercussão no que concerne ao desejo de o escalar, o autor evidencia argumentos de um montanista que justificam o fascínio de conquistar o topo do mundo, o qual o descreveu com ar curioso e desafiador. O trecho seguinte revela detalhes:

Uma vez estabelecido que o Everest era o pico mais alto da Terra, foi apenas uma questão de tempo até que as pessoas decidissem que precisavam escalá-lo. Depois que o explorador norte-americano Robert Peary proclamou ter chegado ao Pólo Norte, em 1909, e Roald Amundsen liderou uma equipe norueguesa ao Pólo Sul, em 1911, o Everest - o chamado Terceiro Pólo - tornou-se o objeto mais cobiçado no reino das explorações

terrestres. Chegar ao topo, declarou Gunther O. Dyren-furth, um influente alpinista e cronista das primeiras expedições ao Himalaia, era "uma questão de empenho humano universal, uma causa da qual não há como fugir, sejam quais forem as perdas que exija". Essas perdas, como se veria a seguir, não foram insignificantes. (p. 25).

Ao narrar os primeiros momentos de viagem até o destino, o autor descreve o evidente interesse de escalada ao Everest de um de seus colegas de alpinismo que conhecera no saguão do aeroporto, Andy, que acabou por despertar seus antigos sentimentos de escalada:

O interesse visível de Andy pelo alpinismo, seu entusiasmo genuíno pelas montanhas me deixaram com saudades da época em que escalar era, para mim, a coisa mais importante da vida, da época em que eu mapeava o curso da existência em termos das montanhas que escalara e das que esperava um dia poder escalar.
Pouco antes de Kasischke - um homem atlético, alto, de cabelos prateados, reservado e aristocrático - emergir da fila da alfândega, perguntei a Andy quantas vezes estivera no Everest. "Na verdade", ele confessou alegremente, "esta vai ser minha primeira vez, como você. Vai ser interessante ver como eu me viro lá em cima" (p. 23).

O autor explicita os fatores que compõem a ambição de escalar o topo mais alto do mundo, e descreve os grandes desafios que os alpinistas impõem a si próprios como estratégias de visibilidade e superioridade, uma demonstração de força e resistência – principalmente masculina – chegando a se maltratarem com tantas ousadias no trajeto de escalada, como podemos observar no recorte:

A cultura do montanhismo era caracterizada por uma competição intensa e por um machismo indisfarçável; a grande preocupação da maioria de seus integrantes era impressionar uns aos outros. Chegar ao topo de uma determinada montanha tinha muito menos importância do que a *maneira* como se chegava lá: o prestígio vinha de se atacar a mais impiedosa das rotas com o mínimo de equipamento, no estilo mais ousado que se pudesse imaginar. Ninguém era mais admirado do que o chamado solista livre: visionários que subiam sozinhos, sem corda nem ferramentas (p.32)

Em sua chegada ao cume, o autor descreve sua própria sensação de alcançar um lugar que poucos têm o privilégio de conhecer: "Chegar ao topo do Everest supostamente desencadeia uma onda de intensa alegria; apesar de todos os pesares, eu atingira uma meta cobiçada desde a infância" (p.188).

Em síntese, à vista dos aspectos descritos em relação ao fascínio que o monte Everest causa nos alpinistas e curiosos, compreendemos a necessidade de enxergar além dos desejos impulsivos

e fantasiosos que uma expedição desse porte pode ocasionar, visando a sensatez e controle emocional como pontos fortes no percurso.

Contudo, além da inferência de concepções do autor, os discursos de montanistas, colegas de alpinismo e outras fontes consultadas na apuração são evidenciados como posições discursivas que auxiliam no entendimento do aspecto apontado.

Considerações Finais

Este estudo buscou contribuir no âmbito da análise do discurso, sobretudo no que concerne a discussões sobre a perspectiva dialógica de Bakhtin, pois traz as características descritas do monte Everest na perspectiva de quem o escala. Assim, a pesquisa possibilitou a identificação das concepções do autor e de outras fontes por meio da metodologia utilizada, a perspectiva dialógica bakhtianiana. Como resultado dessa análise, chegamos à decifração da questão principal: Como o monte Everest é caracterizado no livro-reportagem “No ar rarefeito”, de Jon Krakauer?

Assim sendo, constatamos que através do processo de apuração jornalística, o autor complementou suas ideias com relatos de alpinistas, especialistas e pessoas que conheceu durante suas escaladas ou que já haviam escalado o Everest, além de consultar outros meios de informação como escritos e materiais que apontassem dados precisos sobre um acontecimento. Isto posto, entendemos que ele seguiu os princípios de apuração que são necessários para o aprofundamento dos fatos e que, por consequência, implicam as relações dialógicas apontadas por Bakhtin. Ou seja, na formação do livro-reportagem é necessária a presença do dialogismo, esse “debate” entre textos/enunciados.

Concretizado dessa forma, podemos compreender as informações que estão contidas na obra de forma abrangente e concluir, então, que “No ar rarefeito” reporta o Everest como um lugar que oferece condições precárias para a sobrevivência humana devido sua formação natural, além da presença do ar rarefeito que impossibilita o bom funcionamento do cérebro.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CATALÃO JUNIOR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**, 2010. 252 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103497>>. Acesso em: 08 de junho de 2018.

ELIZIÁRIO, Eva Maria da Silva; CATALÃO JR, Antonio Heriberto. **Amazônia em “Chico Mendes: crime e castigo” – uma caracterização dialógica**, 2011. Disponível em: <intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/NORTE2011/resumos/R26-0265-1.pdf>. Acesso em: 04 de junho de 2018.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito: um relato da tragédia no Everest em 1996**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito: um relato da tragédia no Everest em 1996**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. PDF

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística**, 2001. Disponível em: <nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A_reportagem.pdf>. Acesso em: 08 de julho de 2018.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: Introdução à análise de discurso**. 2.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Revista Rumores, Ponta Grossa, v.7, 2013.